

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL

VICTOR JOSÉ PELLEGRINI

É uma satisfação renovada apresentar um trabalho, comentar algum trabalho ou simplesmente participar de uma reunião da SOBER. Desta feita, vou dizer algo sobre "PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL".

OBJETIVOS E FONTES DE DADOS

A presente década tem presenciado uma verdadeira explosão na utilização de economistas agrícolas na América Latina. Esta expansão continua na medida em que as instituições se valem desta especialização para as tomadas de decisões, e as escolas superiores iniciam ou ampliam as suas oportunidades de treinamento no campo das ciências rurais.

Novos programas de treinamento têm surgido na América Latina para melhorar a qualidade de vários especialistas através de oportunidades para especialização e estudos pós-graduados. Os programas de Economia Rural representam uma resposta tanto às necessidades de especialização, como ao crescente reconhecimento da contribuição que a análise econômica aplicada pode dar.

Em 1968 pelo menos 10 instituições, em seis países da América Latina, dispunham de programas de pós-graduação em Economia Rural, a maior parte deles com vistas ao mestrado. Cinco deles vêm funcionando desde algum tempo e já indicam capacidade para a formação de cerca de 50 especialistas em Economia Rural por ano.

Este relatório passa em revista os programas de treinamento pós-graduado das cinco primeiras escolas anotadas na Tabela I, sendo os mais antigos, em termos de sua atual definição. O centro de treinamento de Costa Rica é mais

antiga, porém, apenas recentemente passou, de modo formal, a conferir grau superior. O atual programa do Chile tem a precedê-lo várias iniciativas e outras tantas paralizações, além de um programa de quinto ano especializado, que não é apropriadamente comparável. O quarto programa brasileiro conta com menos de um ano de atuação, enquanto os dois programas da Colômbia recém começaram a atuar. Desta forma, o segundo grupo das cinco escolas da Tabela I, ou representam programas recém-modificados e/ou são muito novos para que se possa avaliar os seus produtos.

TABELA I

Escolas de Pós-graduação de Economia Rural em Funcionamento na América Latina — 1968

ESCOLAS	País	Ano em que iniciou
Escola Superior de Agricultura — Viçosa	Brasil	1961
Instituto de Estudos e Pesq. Econômicas — Pôrto Alegre	Brasil	1963
Escuela Nacional de Agricultura - Chapingo	México	1965
Universidad Agraria — La Molina	Peru	1966
Esc. Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" — Piracicaba	Brasil	1966
Centro de Estudios Pos-Graduados — Turrialba	Costa Rica	1967
Universidade Rural do Rio de Janeiro km47	Brasil	1968
Universidad Católica — Santiago	Chile	1968
Universidad Nacional de Colombia - Bogotá	Colômbia	1968
Universidad de Valle — Cali	Colômbia	1968

A Fundação Ford proporcionou uma ajuda inicial a Pôrto Alegre, ponderável auxílio a Viçosa e é um dos principais financiadores dos programas de Chapingo, La Molina e Bogotá.

Três destes programas operam junto à faculdade de economia, em Pôrto Alegre, Santiago e Cali; os de Viçosa, La Molina e Km 47 são parte das Universidades Rurais; o de Costa Rica é parte do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, e os três restantes funcionam junto à escola de agronomia.

Os objetivos originais desta pesquisa eram: (1) avaliação dos programas de treinamento pós-graduado em econo-

mia rural em cinco escolas e três países; (2) avaliação da eficiência dos graduados ao começarem ou retornarem ao trabalho profissional, e (3) estimativa da capacidade das instituições acadêmicas, em termos do número de estudantes. Com o prosseguimento do estudo, dois outros objetivos foram incluídos, a saber: (4) a capacidade provável e potencial de cada país absorver efetivamente os graduados; e (5) a capacidade dos programas de treinamento se nacionalizarem, isto é, serem financiados apenas com recursos domésticos.

Os resultados desta pesquisa se baseiam nas seguintes informações:

1. Entrevista e questionário com praticamente todos os estudantes que completaram os cursos oferecidos pelas cinco instituições com programas de pós-graduação na América Latina, ou seja, 141 estudantes.
2. Entrevistas curtas ou questionários com os professores orientadores dos estudantes pós-graduados.
3. Informações equivalentes com 28 estudantes latino-americanos que completaram programas de MS em universidades americanas, além de 24 estudantes norte-americanos.
4. Longas entrevistas com os responsáveis por cada um dos cinco centros de treinamento pós-graduado, além da coleta de informações sobre o curriculum, orçamentos e programa de ensino durante o período de funcionamento de cada instituição.
5. Entrevistas com a maioria dos empregadores dos 141 estudantes latino-americanos atualmente empregados, independentemente de terem completado o MS ou equivalente, ou apenas os cursos requeridos.
6. Entrevistas com virtuais empregadores, inclusive outros centros de treinamento que ainda não contam com programas de pós-graduação, a fim de se estimar a demanda potencial e atitude com relação aos recém-egressos da escola de pós-graduação.

No todo, mais de 300 indivíduos foram entrevistados, além de cêrca de 100 cujo contato foi feito por correspondência, com questionário adequado. Uma apreciável parte dêste relatório se baseia nas respostas dos estudantes e egressos das escolas de pós-graduação, e embora os autores tenham experimentado balancear êste ponto de vista com outras evidências, a ênfase maior ainda recai naquela fonte.

Passamos antes a algumas conclusões de ordem geral, resultantes da análise destas informações. O registro mais detalhado sôbre cada instituição acadêmica individualmente e o mercado de trabalho para os economistas rurais proporcionam os dados, dos quais elas foram extraídas.

CONCLUSÕES GERAIS

Os cinco programas de pós-graduação em Economia Rural na América Latina matricularam 230 estudantes entre 1961 e 1967. Dêstes, 75 já completaram todos os requisitos de um programa de mestrado (MS) ou equivalente. O de Viçosa domina amplamente a lista, com 45% do total de matrículas e 85% dos graduados. Mesmo para 1966 e 1967, dêste modo descontando pelo maior período de funcionamento, Viçosa tem 30% das matrículas e 75% dos graduados. Entretanto, alguns dos programas mais recentes evidenciam pujança e talvez venham a representar no futuro uma significativa competição com Viçosa, na medida em que forem adquirindo maior experiência e desenvolvam maiores contatos com estudantes em potencial. Os números indicativos de matrículas e términos dos cursos de pós-graduação em Economia Rural vão apresentados na tabela 2.

Êstes programas mostram pontos de semelhança com relação ao curriculum, porém verificam-se algumas diferenças, que refletem a disponibilidade de professôres e objetivos dos programas:

- a) Cada um dêles requer cêrca de 2 anos de tempo de um estudante razoavelmente competente.
- b) Uns poucos estudantes têm conseguido terminar o MS em 15 ou 18 meses.
- c) Cada programa inclui um curso de teoria econômica, estatística, comercialização e desenvolvimento econômico.
- d) Todos os programas, à exceção de La Molina, têm um curso de sociologia e de metodologia de pesquisa. Como compensação, aquêle inclui uma parte de filosofia da pesquisa nos cursos de estatística.
- e) Todos, à exceção de Chapingo, incluem administração rural no curriculum. Neste caso Chapingo pretensamente preenche esta lacuna junto com um curso de economia da produção.
- f) Viçosa e Piracicaba não oferecem um segundo curso de teoria econômica, disponível nos demais programas. No

TABELA 2

Número de Matrículas, Conclusões de Cursos e Teses em Cinco Programas de Pós-Graduação na América Latina.

Ano de Matri- cula	VIÇOSA			PORTO ALEGRE			CHAPINGO			LA MOLINA			PIRACICABA		
	N.º de Matric.	Term. Cursos	Term. Teses	N.º de Matric.	Term. Cursos	Term. Teses	N.º de Matric.	Term. Cursos	Term. Teses	N.º de Matric.	Term. Cursos	Term. Teses	N.º de Matric.	Term. Cursos	Term. Teses
1961	11	11	10	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1962	11	10	8	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1963	16	14	11	9	5	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1964	11	10	8	12	5	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1965	19	15	12	7	6	2	10	5	1	—	—	—	—	—	—
1966	18	16	12	2	1	0	15	14	3	11	5	1	26	18	1
1967	17	12	3	9	8	0	10	6	0	16	2	0	—	—	—
TOTAL	103	88	64	39	25	5	35	25	4	27	7	1	26	18	1

caso de Viçosa, o curso de economia da produção representa um substituto, porém apenas parcial.

g) Piracicaba não dispõe de um segundo curso de estatística de nível graduado, o que também ocorria com Pôrto Alegre e Viçosa nos primeiros anos de funcionamento.

Os debates e comentários sôbre **currícula** podem ser intermináveis; de qualquer modo, ao programa de Piracicaba falta maior rigor e treinamento em pontos fundamentais de economia e estatística. Chapingo indica falta de cursos que proporcionem aplicações práticas aos estudantes de nível MS. No Peru, com grande parte de sua população rural constituída de índios, a falta de um curso de Sociologia é surpreendente. A falta de cursos pré-requisitos ou de nivelamento em Viçosa cria alguns problemas para os estudantes menos preparados que ou tomam os cursos avançados de forma mais demorada ou simplesmente apresentam desempenhos fracos nos mesmos. Finalmente, o **curriculum** de Pôrto Alegre não leva em conta os recursos disponíveis na faculdade de Economia, em que pesem as vantagens da localização.

Apesar disto, êstes **currícula** proporcionam uma lista de cursos bastante satisfatórios, nos quais os professôres, individualmente, podem desenvolver, através do seu conteúdo, tanto programas sólidos como fracos. De qualquer modo, os objetivos curriculares devem ser definidos de acôrdo com as necessidades nacionais, e não pelos padrões de outro país em relação às suas próprias.

A contribuição de professôres e universidades americanos tem sido significativa. Sem ela, os programas ou não teriam sido criados ou seriam mais modernos e não tão bons. Pelo menos dois dos cinco programas seriam interrompidos ou quase isto, se a participação americana fôsse cortada em 1968, sendo que dos dois outros seriam bastante prejudicados. Os professôres americanos colaboraram na organização dos currícula, além de ministrar cursos, atrair estudantes devido às suas presenças, fortalecer o prestígio da instituição, bem como ter papel preponderante no programa de pesquisa. Nos últimos anos, a contribuição dos professôres americanos no ensino, em ordem decrescente, tem sido:

Chapingo, México
La Molina, Peru
Viçosa, Brasil
Pôrto Alegre, Brasil
Piracicaba, Brasil

Os professores americanos têm tido no ensino um desempenho tão bom ou por vèzes melhor do que dos professores locais, onde tais comparações são passíveis de serem feitas.

As contribuições dos americanos à pesquisa e orientação das teses, mais uma vez, em ordem decrescente têm sido:

La Molina
Chapingo
Viçosa
Pôrto Alegre
Piracicaba

Para os demais elementos da assistência, a contribuição é relativa, não podendo ser fàcilmente comparada.

A maioria dos estüdantes que terminaram pelo menos os cursos requeridos foram entrevistados. No geral, mostraram-se ex-alunos bem leias às suas instituições, indicando estarem bastante ou razoavelmente satisfeitos com a escolha da respectiva escola, com exceção dos estudantes de Piracicaba mais da metade dos estudantes egressos de Piracicaba julga que deveria ter escolhido uma outra escola para o curso pós-graduado. A freqüência dos contatos com os professores orientadores foi relativamente baixa, verificando-se muita insatisfação devido à inadequada supervisão das teses. Neste caso, o pouco tempo de funcionamento do programa de pós-graduação de Piracicaba não representa uma explicação satisfatória.

Com relação às atividades sociais os estudantes de Piracicaba eram os mais satisfeitos, enquanto os de Chapingo e Viçosa não apreciavam muito as localizações das respectivas escolas. Pôrto Alegre e La Molina estiveram numa posição intermediária, tendo porém alguns problemas. Vários pontos sôbre o ambiente acadêmico foram mencionados como fracos para determinadas escolas, como por exemplo, as instalações de estudo, entretanto, de um modo geral, as reações foram positivas.

Os motivos de que os estudantes se valeram para cursarem um pós-graduado foram mais ou menos os mesmos, com ênfase na oportunidade de um melhor trabalho a longo prazo, a disponibilidade de ajuda financeira (bôlsa) e o ensejo de adquirirem experiência em ensino e pesquisa. Este interesse em pesquisa representou pouca preocupação entre os estudantes americanos, ocorrendo exatamente contrário

quanto aos latino-americanos. Uma queixa generalizada em todos os centros pesquisadores foi de que "as escolas não ajudam os estudantes a conseguirem empregos desejáveis". Este tipo de comentário praticamente não existiu entre os estudantes americanos.

Os egressos das escolas americanas (tanto locais como latino-americanos) indicaram tê-las em alta conta, quer no ambiente pessoal quer no acadêmico. Sete dos 28 estudantes latino-americanos das escolas americanas, teriam preferida uma outra instituição de ensino nos Estados Unidos, sendo que 5 dêles declararam ter sido mandados às respectivas escolas, sem oportunidade de opção. Em geral os estudantes americanos acreditavam ter feito a escolha adequada.

O tempo necessário para o término dos cursos e teses não foi muito diferente entre as escolas americanas e os cinco centros da América Latina, desde que se elimine os dois primeiros anos de funcionamento dêste último grupo. O problema da língua, que retardou alguns estudantes latinos-americanos nos Estados Unidos, não parece ter afetado o tempo médio para o término do MS e talvez tenha sido compensado por requisitos de teses menos rígidos.

Em cada um dos programas da América Latina é necessária a apresentação de defesa de uma tese para aprovação. Esta exigência é menos importante nos Estados Unidos, sendo observada para apenas dois terços dos estudantes, sem diferenciação entre americanos e latino-americanos. Considerando-se o interesse inicial dos trabalhos de pesquisa, bem como o subsequente tipo de trabalho profissional, os latino-americanos que estudam nos Estados Unidos parecem estar recebendo menos aprendizado do que gostariam. Ao mesmo tempo, uma boa parte daqueles que terminaram os cursos regulares ainda não concluíram suas teses, alguns nunca o farão. Estes estudantes também estão recebendo menos treinamento do que gostariam.

Os assuntos das teses, a publicação das mesmas e o uso dos resultados pesquisados, em monografias com os professores orientadores, ainda não dão idéia de um programa coordenado, ou mesmo de uma série de projetos relacionados. Simultaneamente, parece haver uma flexibilidade bastante desejável na escolha dos assuntos. A receptividade local, estadual ou nacional dêstes novos programas de pós-graduação poderá ser melhorado, se os assuntos pesquisados forem relacionados com problemas correntes, se os resultados mais significativos forem publicados em forma semi-popular e

estiverem disponíveis a pessoas e órgãos interessados. Na maioria dos casos, ainda não houve tempo suficiente para que isto ocorresse, porém, nota-se pouca ou nenhuma evidência de que esteja sendo ao mesmo considerado em planos futuros.

A atitude e a participação dos órgãos empregadores nestes programas tem seguido dois padrões distintos. No Brasil, a maioria dos empregadores envia os seus técnicos para as escolas de pós-graduação, garantindo pagamento dos salários parcial ou integralmente. Porém, ao terminarem os estudos, estes técnicos voltam aos seus empregos em condições de trabalho e de salário pouco melhoradas. No México a maioria deles perde o ordenado, ou por se exonerar ou por conseguir licença sem vencimentos. Porém a escala de salários para os que terminaram o mestrado representa um aumento salarial de 40-50%, pagando desta forma em pouco tempo o investimento para a melhoria da capacitação profissional. Além disto, alguns empregadores proporcionam bolsas de estudos que a critério da escola são utilizadas com os melhores estudantes em potencial. O Peru atualmente tem uma mistura pouco satisfatória dos dois sistemas. Alguns estudantes chegam a iniciar o curso pós-graduado com salário, porém, após um semestre ou pouco mais, são solicitados a retornar ao trabalho, pelo menos em tempo parcial; estes órgãos empregadores não fornecem bolsas de estudos; estas, via de regra, são dadas pela própria Universidade Agrária. Alguns estudantes de outros países indicaram que a Colômbia, Bolívia e Argentina também reconhecem o treinamento pós-graduado através de um aumento de ordenado.

Os empregadores brasileiros afirmaram que o treinamento pós-graduado aumentou a produtividade e utilidade dos técnicos. Estas reações são condizentes com os seus planos de enviarem outros para tal treinamento, conservando o pagamento dos salários, e, segundo esperam, terão condições orçamentárias para contratar alguns novos egressos ainda sem emprego. Em termos de preferência do local para treinamento, os empregadores brasileiros apontaram Viçosa como primeira escolha, seguida dos Estados Unidos (provavelmente devido em parte aos custos, reconhecidamente mais altos, e dificuldades de bolsas de estudo).

O pequeno número de egressos de Chapingo e La Molina não nos permitiu uma conclusão definitiva com relação à reação dos empregadores a estes programas. Porém

os empregadores mexicanos pagam bem mais aos que têm treinamento especializado reconhecido, o que provavelmente se desenvolveu com o retôrno ao país, de mexicanos que estudaram nos Estados Unidos. No Peru, um congelamento nos salários e orçamentos atualmente no seu terceiro ano, faz com que tais comparações sejam difíceis. Por outro lado, até o momento, os empregadores do México, Peru e Colômbia, bem como alguns do Brasil, têm uma grande preferência pelo treinamento nos Estados Unidos.

As atividades a longo prazo destes centros requerem que um apreciável número de professôres, bem treinados e com boa experiência em trabalhos de pesquisa, dediquem uma boa parte da sua carreira profissional a êstes programas. Para tanto, necessitam que lhes seja garantido um reconhecimento em têrmos de salário, que os diferencie dos outros professôres e técnicos que desenvolvem trabalhos de rotina em órgãos do Govêrno. La Molina e Piracicaba se aproximam desta situação, entretanto, mesmo nestes locais os professôres dos cursos de pós-graduação não dispõem de **status** especial. Algumas modificações, na Universidade de Valle (Cali) podem representar um nível salarial médio favorável que, todavia, pode ou não ter alguma relevância especial para os professôres pós-graduados. As bases salariais de Viçosa e Chapingo são completamente não competitivas.

Os autores esperavam poder calcular o custo do treinamento em cada um dos cinco centros, compará-los entre si e com aquêle nos Estados Unidos. Entretanto, à excessão de Viçosa, os programas são por demais novos e desta forma as relações insumo-produto não podem ser determinadas. Para Viçosa, bem como os demais, se o cálculo tivesse sido feito, a alocação da assistência internacional aos programas de pós-graduação versus outros aspectos das atividades universitárias, tem muitos elementos arbitrários para proporcionar dados seguros. O treinamento pós-graduado é caro em qualquer lugar que êle exista. Se um programa bem sucedido fôr desenvolvido, como em Viçosa, os custos serão menores do que seriam se todos os estudantes fôssem enviados aos Estados Unidos, principalmente se os custos das contribuições dos governos estaduais aos Estados Unidos forem incluídos. Mesmo se êles fôssem iguais, o Brasil, México, Peru, Colômbia e Chile poupariam divisas, enquanto os Estados Unidos provavelmente perderiam. Entretanto, a real vantagem potencial para os países latino-americanos é o produto de pesquisa que os estudantes desenvolvem, desde

que esta pesquisa possa ser organizada e usada adequadamente.

Vários problemas futuros se tornaram evidentes com a coleta e análise dessas informações.

a. Como poderão estas instituições se movimentar para se tornarem mais auto-suficientes, tanto financeira como intelectualmente?

b. Como poderá o trabalho de pesquisa ser melhorado com ênfase na solução de problemas locais?

c. Existe atualmente um número de centros de pós-graduação grande ou pequeno demais? Quais devem ser reduzidos ou expandidos? Onde devem se localizar os novos a serem criados?

d. Que espécie de programas podem ser desenvolvidos de modo a reduzir o perigo de auto-fecundação intelectual nas próprias instituições, num mesmo país, na América Latina?

e. Podem as pressões nacionalistas e regionais para um número excessivo de centros ser canalizadas num esforço conjunto para um ou mais centros vizinhos?

f. Existe uma interação entre a pesquisa prática ou aplicada e os cursos básicos ou teóricos. Que cursos fundamentais estão implicitamente relacionados com os reais problemas de pesquisa que os economistas agrícolas da América Latina tentam deslindar? Uma vez que estes cursos não são necessariamente os mesmos que aqueles disponíveis nos Estados Unidos, torna-se preciso que os latino-americanos encaminhem o **currículo** pós-graduado, bem como os seus objetivos para as metas gerais de seu próprio país, especificamente.

RESUMO DO PROGRAMA DE VIÇOSA

Os programas educacionais de Viçosa têm mostrado força e vigor nos últimos anos. O corpo técnico tem-se expandido tanto em número quanto em qualidade, para executar um ambicioso programa pós-graduado. Neste período de sete anos, iniciado em 1961, 88 estudantes já completaram todos os cursos, com 64 deles tendo concluído teses e recebido o MS. Pelo menos outros 10 ou 12 se juntarão a estes próximamente. Os egressos dos cursos de pós-graduação de economia rural de Viçosa estão geralmente satisfeitos com a escolha feita. Eles têm sido estimulados pelo ambiente acadêmico e de pesquisa, embora alguns aspectos da vida social não sejam satisfató-

rios. Na medida necessária, eles têm recebido ajuda na seleção dos assuntos, análise dos dados e elaboração das teses.

Os empregadores, de um modo geral, consideram que a experiência tem sido produtora. Eles continuam a pagar os salários e a proporcionar outros benefícios a seus técnicos quando nos cursos de pós-graduação, embora poucos estejam em condições de após o treinamento darem um reconhecimento direto, isto é, maiores ordenados aos que completaram com sucesso o programa de pós-graduação.

O Instituto admite estudantes de várias profissões, com agrônomos (56%) e economistas (26%), até o presente momento, se constituindo nos principais grupos. Os números são muito pequenos para que se possa chegar a conclusões com relação a quais dos outros grupos profissionais têm menores possibilidades na pós-graduação de economia rural. Os resultados conseguidos pelos economistas até agora participantes do programa parecem menos satisfatórios do que os dos agrônomos, porém as diferenças não são significativas. Vários estudantes estrangeiros já foram atraídos pelos programas, começando em 1962 e aumentando em número nos últimos anos.

O desempenho dos estudantes, medido pelas notas recebidas e pela qualidade das teses já concluídas, tem indicado melhoria, e conforme foi mencionado antes, os órgãos empregadores têm reagido favoravelmente ao treinamento recebido pelos seus técnicos.

Ainda segundo os estudantes entrevistados, os cursos dados em Viçosa foram classificados como bons, regulares e fracos. Vários dos cursos chave foram geralmente cotados como bons, inclusive o de teoria econômica e economia da produção. Outros, estatística e metodologia da pesquisa mostraram altos e baixos, enquanto o de comercialização, dado por cinco professores diferentes em seis anos, não teve boa receptividade. Os professores americanos têm apresentado um desempenho tão bom quanto o dos brasileiros, apesar dos problemas da língua, conhecimento limitado do ambiente e pesadas tarefas, além do ensino propriamente dito. As mudanças no corpo docente e na orientação dos cursos pode também ter contribuído para criar dificuldades.

Apenas umas poucas das 64 teses já foram publicadas, sendo que muitas delas sem uma revisão adequada para consumo do público em geral. O exame do conteúdo e dos assuntos das teses indica a necessidade de uma maior coordenação e planejamento dos trabalhos de pesquisa, de modo

que, digamos, duas a seis ou sete teses possam servir de base para um trabalho relacionado com um problema atual de uma determinada área, ou alguns problemas de ordem geral. Este planejamento deve ser feito por professores na medida em que trabalhem com vários estudantes e ajudem na escolha dos assuntos para teses.

O suporte financeiro da Universidade tem sido conseguido de várias fontes nacionais e internacionais. Tanto os orçamentos como os programas mostram um vigoroso crescimento até 1967. Porém uma redução drástica do orçamento estadual originou uma crise financeira para a Universidade Rural. Apesar do seu formidável elenco de realizações, Viçosa está sendo desafiada a mostrar meios de superá-la sem recorrer ao expediente de reduzir o seu quadro técnico quantitativa e qualitativamente. Esta experiência também representa uma lição para outras instituições que estão desenvolvendo programas de pós-graduação.

Os autores aceitam o ponto de vista de que o de Viçosa já está solidificado, embora esteja sendo duramente testado pela atual crise financeira. Admitindo-se que ela possa ser superada satisfatoriamente, estão relacionados adiante alguns pontos fracos, que julgamos devam merecer atenção dos responsáveis pela UREMG:

a. O nível inferior de salários dos professores, mesmo levando-se em conta alguns privilégios, comparados com o já baixo nível salarial de outras instituições. A menos que se corrija esta falha, Viçosa deverá sofrer uma contínua perda de talento, isto é, com a troca constante de professores.

b. A falta de cursos pré-requisitos ou de nivelamento ou de um sistema pelo qual os estudantes formados em escolas fracas ou com curriculum inadequado possam se preparar melhor para a pós-graduação, provavelmente limitará a efetividade da escola no cenário nacional. A inexistência de alguns sistemas de preparação dos estudantes pós-graduados fatalmente faz com que o processo de seleção rejeite estudantes potencialmente brilhantes que estejam mal preparados. Está claro, o Instituto pode continuar a funcionar efetivamente com um grupo de 15 estudantes altamente selecionados.

c. A expansão do curriculum deve ser feita de modo diverso do que vem sendo processado, principalmente se a inauguração eventual de um programa ao nível de PhD está sendo contemplada seriamente. Para tanto as próxi-

mas etapas de desenvolvimento do curriculum deveriam ser a iniciação de um segundo curso de teoria econômica, um segundo curso regular de estatística ou cursos de macroeconomia, como teoria monetária, finanças públicas e comércio internacional.

d. Um esforço maior deve ser dirigido ao programa de pesquisa, de modo a torná-lo mais coordenado entre estudantes e professores, de tal forma que uma série de teses possa resultar num conjunto harmônico de estudos de problemas vinculados, ao invés de uma série isolada de teses. Sugere-se que um experimentado pesquisador da Universidade de Purdue tome a liderança de tal empreitada, pois trata-se de uma tarefa difícil e habilidade pouco comum. Isto evidentemente inclui uma melhoria no setor de divulgação.

e. Existe menos contato com os corpos docentes de outras instituições do que seria desejável, tanto para elevar o nível de treinamento dos estudantes pós-graduados oriundos das outras escolas. Com este objetivo Viçosa deve procurar incluir nos seus programas bolsas de estudo especiais para professores jovens de outros estabelecimentos de ensino. Tal programa deve ser estimulado e não passivamente esperado.

f. Finalmente, Viçosa deveria proceder periodicamente à avaliação com os estudantes tanto atuais como egressos, além dos órgãos usuários do pessoal com nível pós-graduado.

Apesar da crise financeira, o Instituto espera poder iniciar um programa de PhD entre 1973-77. Ora, muitos que conheceram Viçosa nos idos de 1956 teriam questionado a possibilidade imediata de um programa ao nível MS; assim, as notas de precaução indicadas abaixo devem ser consideradas adequadamente. Um programa ao nível de PhD requerer cerca de tantos cursos novos quanto os de iniciação de um programa de MS, porém uma boa parte destes deve ser em disciplinas complementares, isto é, em economia geral, em matemática e estatística, em comunicação e outras ciências sociais. Os atuais recursos da UREMG não são suficientes para programas de MS nestes setores, com a exceção talvez de estatística, e até que o sejam, haverá extrema dificuldade para uma formação adequada dos estudantes de PhD em economia geral. Em princípio, seria possível associar este estudo com a Faculdade de Economia de Belo Horizonte, entretanto um acerto desta natureza não seria fácil de funcionar.

Além disto, um programa ao nível de PhD requer projetos de pesquisa amplos, abrangentes e sofisticados, suporte financeiro para estudos que visem à solução de problemas, além da publicação sistemática dos resultados para uso dos patrocinadores interessados. Alguns dos itens que menos atenderam às expectativas em 1968, em vista do corpo técnico, foram o desenvolvimento, organização e coordenação de pesquisa. Um progresso mais rápido neste setor também deverá merecer séria consideração antes que um programa de PhD possa ser de fato iniciado.

Mais ainda, a presente crise levanta a dúvida de que o atual programa de MS seja artificial, fora da realidade em relação à política de aceitação geral do estado. Nestas condições, o curso de PhD também requererá financiamento de fora do estado, por um longo período e em dose substancial.

Finalmente, o programa patrocinado pela Fundação Ford junto à Secretaria de Agricultura de Minas Gerais criou uma demanda adicional de estudantes de pós-graduação. Um apreciável número dos profissionais especializados em economia rural treinados em Viçosa, está trabalhando neste e outros órgãos do estado, proporcionando assim benefício direto ao investimento estadual no programa de pós-graduação.

RESUMO DO PROGRAMA DE PÔRTO ALEGRE

O programa de pós-graduação de Pôrto Alegre mostra força e eficácia moderadas. Com exceção de um ano, os números são razoavelmente satisfatórios para um programa inicial. Até 1967 foram matriculados 39 estudantes, com 25 tendo completado os cursos, e apenas 5 concluído e conseguido aprovação de teses. O fato de não conferirem um grau superior (MS), provavelmente reduz a motivação para que um maior número de teses seja completado.

O curriculum tem um curso a mais de teoria econômica do que Viçosa, sem entretanto incluir economia da produção; por outro lado, não faz uso mais amplo dos recursos da Faculdade de Economia.

O corpo de professores brasileiros tem se expandido e a qualidade e quantidade do seu treinamento vem indicando melhoria. A sua participação nos cursos pós-graduados tem representado cêrca de dois terços, com esta proporção aumentando com o passar do tempo. Na opinião dos estu-

dantes, os professores americanos têm dado melhores cursos.

Os estudantes se originam principalmente dos três estados sulinos com a tendência de se concentrarem nesta área. A maioria é de agrônomos e economistas, com resultados semelhantes para ambos os grupos. Os graus ligeiramente superiores conferidos aos economistas não têm diferença estatisticamente significativa. Os estudantes são razoavelmente leais ao IEPE, com dois terços estando satisfeitos com a decisão de lá estudar. As principais preocupações se referem à habilitação e às bolsas de estudos, e parecem estar relacionadas. As instalações acadêmicas, à exceção do estudo individual, foram considerados de regulares a boas.

Os órgãos empregadores encaram os resultados do programa como desfavoráveis, não se vendo muito nítido se se trata de uma falha do programa ou conseqüência de uma apreciação inadequada por parte dos órgãos pelo treinamento pós-graduado. A aparente sub-utilização dos egressos indica como mais viável a segunda hipótese .

Os estudantes têm tido bastante contato com seus professores orientadores, embora em escala menor que o observado em Viçosa. Muitos estudantes prefeririam ter tido maior supervisão; isto, possivelmente, está relacionado com a baixa proporção de teses completadas.

Os pontos iracos que necessitam ser corrigidos no futuro incluem os seguintes:

a) Após cinco anos de funcionamento, o programa de pós-graduação do IEPE ainda não está definitivamente estabelecido. Os dois primeiros anos foram bastante promissores, mas também foram seguidos de dois anos de declínio. Os dois últimos anos (1967-68) mostram alguma recuperação, que precisa continuar.

b) A falta de reconhecimento de um grau superior (MS) coloca o IEPE numa situação desfavorável em relação aos demais centros de ensino de pós-graduação. Se êle pretende atrair estudantes de outras regiões do país, e proporcionar "status" aos seus egressos, deve procurar regularizar o título de MS.

c) De algum modo os órgãos empregadores locais devem encontrar utilidade nos técnicos com pós-graduação. Os autores não estão em condições de apontar se isto representa uma modificação no curriculum, na natureza da pesquisa ou uma mudança na atitude dos empregadores com relação à ciência e pesquisa. Porém, sem alguma alteração

de atitudes em relação aos profissionais com pós-graduação, este programa continuará e enfrentar dificuldades.

d) Deve-se promover esforços para melhorar as instalações de ensino e facilidades para o trabalho de pesquisa. Embora seja indicada alguma coordenação interna, do mesmo modo que em Viçosa, é mais importante desenvolver-se trabalhos de pesquisa (ao invés de um programa) que sejam úteis e de relevância para os órgãos que utilizam economistas agrícolas.

e) O corpo docente do IEPE demonstra um entusiasmo que deve ser aplaudido, entretanto este entusiasmo deve ser mesclado de realismo. Até aqui não parecem estar conscientes da fragilidade do programa, e conseqüentemente não estão dando a devida atenção ao recrutamento de bons estudantes e em fazer com que os egressos do pós-graduado sejam reconhecidos e benquistos.

RESUMO DO PROGRAMA DE PIRACICABA

É impossível evitar-se a conclusão de que a ESALQ agiu precipitada e inadequadamente, quando iniciou a um só tempo os programas de diversificação e de pós-graduação das ciências sociais rurais. Até mesmo os cursos, que foram avaliados, no geral, como regulares, foram dados em boa parte por professores improvisados para que o programa fôsse totalmente atendido. É possível que fôssem obtidos comentários semelhantes se os outros programas de pós-graduação tivessem sido avaliados ao final do primeiro ciclo. Entretanto, as indicações dos estudantes das primeiras turmas dos outros programas são muito mais favoráveis do que os da ESALQ. Mais da metade dos egressos da ESALQ preferiram ter escolhido outro local para o pós-graduado.

Uma característica ímpar dos estudantes pós-graduados da ESALQ é o grande número de mulheres com formação em serviço social. Isto talvez represente a criação de um novo tipo de programa de pós-graduação, dando maior importância aos problemas sociais do que os comumente estudados em economia rural. Entretanto, é evidente que estas jovens não poderão se apresentar como fator primordial no desenvolvimento profissional do economista agrícola típico.

O trabalho de pesquisa com vistas à preparação de teses é muito fraco. O nível de interação entre os professores orientadores e os alunos é completamente inadequado. A participação do estudante e da maioria dos professores nos

trabalhos de pesquisa dirigidos para a solução de problemas, deve ser muito aumentada, tanto com vista a um melhor treinamento, como à contribuição que tais estudos podem dar às sociedades paulista e brasileira.

A situação política e financeira da ESALQ é favorável ao desenvolvimento de um programa de pós-graduação. Os níveis salariais e os orçamentos dos órgãos estaduais são bastante adequados. O volume de estudantes em potencial para o programa de pós-graduação, bem como as oportunidades de trabalho garantem a continuidade do programa. A assistência da Universidade do estado de Ohio existe e pode ser usada efetivamente. A disponibilidade de professores brasileiros visitantes é ainda um valioso recurso para ser utilizado, sempre que necessário. Entretanto, até o momento o Departamento de Ciências Sociais Rurais da ESALQ ainda não conseguiu definir um programa de qualidade e tomar as decisões administrativas e de organização para torná-lo eficiente. Além disto mostra pouca evidência de capacidade de um auto-exame realista.

O material aqui apresentado é parte de um trabalho maior intitulado:

*ECONOMIA RURAL — ENSINO POS-GRADUAÇÃO
MERCADO DE TRABALHO*

Comentador: — Ely M. de Souza

Antes de tudo, devemos salientar que, dado o fato de que recebemos o trabalho apenas ontem à noite, não nos será possível trazer uma contribuição mais efetiva ao mesmo. Mas, reivindicaremos à Presidência que nos assegure o direito de podermos apresentar por escrito, “a posteriori” alguns comentários para que constem nos Anais da SOBER.

Inicialmente, vamos fazer duas retificações com relação à pág. 56, na Tabela 23, onde se diz: ESTATÍSTICA I não ter funcionado em 1967”, não êste curso funcionou em 1967, também.

Com relação à “MATEMÁTICA II, não funcionou em 1968” êste curso funcionou em 1968, também.

Na pág. 67, com relação à apreciação de Estatística, em 1967, no quadro está em branco e ao pé do quadro se diz: “o que está com o traço em branco não funcionou”.

Neste caso, pediríamos que estas duas retificações fôssem feitas, talvez num apêndice ou uma errata.

As nossas palavras de entusiasmo, evidentemente, aos autores por terem êles se lançado numa empreitada muito difícil e, assim mesmo, trazerem como acreditamos que trouxeram, boa contribuição para resolver o problema da Pós-Graduação em nosso País. Apenas, gostaríamos de fazer alguns comentários relativamente a programas específicos. Os autores, segundo o depoimento do colega Pellegrini, não se preocuparam em fazer comparações. Entretanto, é muito difícil que, verificando programas num mesmo País que sejam evitadas as naturais comparações êste trabalho é, em última análise, um desenrolar de comparações sobretudo entre os 3 programas que já estão em andamento no Brasil. Vou comentar especificamente o programa de Viçosa em relação ao do nosso Instituto. Achamos que na avaliação do programa de Viçosa, iniciado 2 anos antes do nosso, os autores não levaram em consideração um aspecto tão importante. É o volume de recursos canalizados para cada programa específico, por ocasião de sua “decolagem”. Isto tem conseqên-

cias vitais. Uma coisa é começar algo, como foi o nosso caso, em 1963, com recursos quase que exclusivamente da Instituição e apenas com uma pequena ajuda anterior (não destinada a este Programa) da Fundação FORD. Mas, como dissemos: a maior parte dos recursos advindos da própria Instituição.

O nosso programa Internacional com a Universidade de Wisconsin teve início praticamente em 1964, com aquelas dificuldades inerentes a todo programa que se inicia. Por isso mesmo cremos na importância do volume de recursos carreados para cada Instituição, aspecto que não recebeu — em nossa opinião — o tratamento adequado no trabalho. Também no que se refere a instalações, um programa difere do outro, visto que recursos externos foram aplicados em Viçosa para esse fim.

Gostaria de fazer também alguns comentários quanto à não termos recebido o trabalho, em sua fase preliminar de publicação. Se tal tivesse acontecido, as Instituições poderiam trazer alguma contribuição e verificar alguns senões que estão sendo comentados nesta oportunidade. Nós também teríamos algumas contribuições a fazer e esclarecimentos que julgamos muito adequados e que trariam aos autores maiores segurança em diversas passagens do trabalho, quando eles demonstram certas dúvidas.

Se este trabalho tivesse sido submetido, com um pouco de antecedência, e com a presença dos autores nas respectivas Instituições, muitos desses senões teriam sido evitados.

Por outro lado, esta situação de comparação, que surgiu no próprio trabalho, nos parece também inerente. A experiência dos autores cingiu-se, na nossa opinião, a uma experiência muito mais vivida com relação a Viçosa.

Isto nos parece válido e sabemos de antemão, que em qualquer trabalho de pesquisa, analisar dados contidos apenas em instrumentos não oferece toda a realidade. Eles oferecem boa parte, mais muita coisa que complementa a explicação se consegue com vivência. Daí nós vemos, inclusive, um pouco mais de riqueza em comentar certas passagens com relação à experiência de Viçosa do que com as demais áreas comentadas no trabalho. Com relação, inclusive, a esta situação de comparações nos parece que, na pág. 66, os autores, comentam de forma inadequada a participação de professores visitantes estrangeiros dentro dos convênios específicos de cada Instituição. Eles afirmam relativamente ao nosso caso que, nos três primeiros anos, a evolução da

colaboração de professores estrangeiros relativamente ao numero de cursos ministrados em cada ano apresentou semelhança muito grande com o comportamento verificado em Viçosa. Em Pôrto Alegre em 1963 dos 8 (oito) cursos oferecidos, dois apenas foram ministrados por estrangeiros; em 1964, de 9 (nove) apenas 3 (três); em 1965, de 10 (dez) somente 4 (quatro).

Na pág. 37, vamos verificar a situação de Viçosa que é mais ou menos semelhante.

Mas, a partir daí, há uma modificação que nos parece muito interessante e que os autores não levaram em conta. É que Viçosa passa a receber uma ajuda muito maior e crescente do que Pôrto Alegre, em termos de professores estrangeiros. A partir de 1964, nós verificamos, na pág. 37, que a referida proporção aumenta em Viçosa. Os autores parecem ter nesse fato elementos para explicação da possível evasão de técnicos em Viçosa. Nós diríamos que, em 1968, a julgar por êsses dados, tal evasão já estaria ocorrendo. Não se trata de “um temor futuro” como afirmou o Dr. Pellegrini mas uma constatação imediata. Isto também cria uma situação nas observações dos fatos, com relação a apreciação da contribuição de professores brasileiros e estrangeiros para a elevação do nível dos cursos ministrados. Os autores dizem que, nos dois primeiros anos, 2 programas tinham condições mais ou menos semelhantes isto é, satisfatórias e com perspectivas favoráveis. A tendência normal é que, a proporção em que vamos recompondo os quadros de professores nacionais, nas fases agudas, deixamos de alcançar níveis desejáveis, de ensino, de orientação e organização para a pesquisa. Cremos que nosso tempo já se esgotou e vamos ficar por aqui, renovando a reivindicação de podermos apresentar, no futuro, alguma contribuição por escrito.

Muito obrigado.

Comentador: — Fernando Rocha

Inicialmente devo dizer que a oportunidade que a Fundação Ford deu ao Dr. Pellegrini e Dr. Witt para realizarem esse trabalho foi excelente. Aliás, isso já deveria ter sido feito há mais tempo. De uma maneira geral, as conclusões a que chegou o time de avaliação trouxeram subsídios da mais alta importância para os centros de Pós-Graduação em Economia Rural. Eu me permito, portanto, esclarecer a minha posição de comentador aqui e deixar bem claro que não pretendo fazer apologia do programa de Viçosa, mas gostaria de me valer dessa oportunidade para extrair algumas lições que julgo serem de validade universal para os programas de Pós-Graduação. Entretanto, antes de fazê-lo, gostaria de comentar alguns pontos que me parecem duvidosos na avaliação. Por exemplo, quando se diz à página 27, ao se comparar a performance dos Economistas e dos Agrônomos, no caso específico de Viçosa, eu estranho o fato de se dizer que Viçosa provavelmente tem sido procurada por Economistas frustrados com o objetivo de reagir profissionalmente, enquanto é nitidamente um passo positivo para os Agrônomos bem colocados. A grande maioria dos economistas provêm das cidades do interior. Tenho a impressão que os autores tabularam a origem dos economistas pelo local de nascimento. Eu não entendo essa frase de que os economistas que têm vindo a Viçosa provêm de cidades metropolitanas. Fiz aqui um levantamento rápido: eu me lembro de 2 economistas formados na Universidade Federal de Minas Gerais, 1 na Universidade do Ceará, 1 na Faculdade Nacional de Economia, 1 na Escola de Economia da Bahia, isto para mencionar apenas o período coberto para pesquisa. Os estudantes atuais, economistas também, têm sido atraídos das áreas metropolitanas. Tanto quanto eu entendo, os economistas que têm ido a Viçosa são atraídos de áreas metropolitanas. Acredito que vale a pena meditar sobre alguns problemas que julgo universais nos programas pós-graduados. É o caso, por exemplo de não se desenvolver um programa de

pesquisa integrado, que colima a um fim que é o de chegar a um tipo de elaboração teórica mais genérica e à solução de problemas, de tal maneira que as pesquisas convirjam para um determinado objetivo, eu acredito ser uma crítica válida e, conforme o Presidente Dr. Rubens salientou, eu acredito que é um tipo de problema que devemos pensar. E, mais do que pensar, atuar no sentido de evitar a preservação desse estado de coisas. Eventualmente, talvez nós tenhamos que cruzar barreiras estaduais. Talvez tenhamos que recrutar mais talentos intelectuais ou livrar alguns profissionais que têm outras tarefas, para que eles possam realizar e dar um avanço sério no programa de pesquisa e fazer uma “recauchutagem”, se me permitem o termo, no sentido de atingir a esta sugestão do time de avaliação. Sem querer tomar o caso de Viçosa como exemplo, o que fizemos este ano foi o seguinte: nenhum estudante pós-graduado de 1969 se engajou ainda no processo de confecção de sua tese. Isto só será feito no 2.º semestre, a fim de que possamos encerrar as teses dos estudantes de 1967 e 1968. Enquanto fazemos isso, poderemos redefinir a nossa linha de pesquisa. Em termos do pouco contato com outras Instituições, de novo, acredito que a crítica seja de validade universal para os programas de Pós-graduação. Embora ela pareça explícita só no capítulo referente à Viçosa, eu acredito que isso se deve em grande parte não só ao acúmulo de trabalho de cada um dos programas de Pós-graduação, como talvez devido a nossa própria falta de tradição de exercer esse contato informal, de colega para colega, e de certo modo, pelo fato de não termos ainda canais de divulgação aos quais tenhamos acesso de maneira mais regular. Eu acharia que, além da oportunidade excelente deste Congresso, e ao lado da revista da SOBER, um outro tipo de publicação que recebesse artigos e tivesse um corpo de editorialistas, que selecionasse os artigos, deveria existir. Essa seria uma forma de contato. Há evidentemente, uma gama enorme de possibilidades que podem ser exploradas. Este Congresso é uma delas. Mas, me parece exagerada a crítica de que há pouco contato entre o pessoal das escolas. Na realidade, esse contato não é muito frequente, mas, ao longo do tempo ele se tornará mais frequente, à medida que cada um de nós aprender a usar as oportunidades que temos para aumentar esse contato. Quanto à questão de teses publicadas, eu acredito que esse, também é um problema de aplicação universal. Há realmente uma defasagem

muito grande entre a publicação da tese e a época em que o boletim de tese resumo da tese de circulação ampla) chega às mãos dos usuários atuais e potenciais das informações das pesquisas. Isso, há de se convir, onera o custo da pesquisa. A curto prazo, uma maneira de se resolver esse problema seria publicar um maior número dessas teses e fazer um intercâmbio pelo menos entre os núcleos que utilizam conhecimentos de Economia Rural. Esse é um outro tema que precisamos estudar. É preciso que esse material produzido nos cursos pós-graduados tenha saída urgente para os consumidores dessa informação. Acredito, também, que todos os programas precisam se universalizar no recrutamento de estudantes e as tabulações indicam que quase todos os programas recrutam os estudantes numa área muito restrita. O nosso interesse, declarado em várias oportunidades, é o de recrutar estudantes não só de várias formações profissionais, mas também de uma área geográfica mais ampla. Eu acredito que em todos os casos seria salutar que isto se fizesse, respeitada uma certa divisão de trabalho natural e que já existe entre os programas de pós-graduação. Do mesmo modo, procede o fato de que o pessoal universitário de ensino e de pesquisa em pós-graduação continua congelado e muito prêso em sua própria Universidade. Nesse sentido, gostaria que especulássemos um pouco a respeito de criarmos oportunidades para um professor de Viçosa, de Pôrto Alegre, do Ceará ou de Piracicaba, servir como professor visitante e se expor ao estímulo intelectual de outro ambiente, o que teria vantagens evidentes. Além do mais, o indivíduo, liberado de obrigações sociais locais, quando se transferisse para outro lugar teria, inclusive, mais tempo para fazer algumas investigações que, normalmente não pode fazer no seu local de origem.

Finalmente, apenas para concluir os meus comentários, gostaria de cumprimentar a Fundação Ford, pela iniciativa, bem como aos autores. Eu não sei a que atribuir isso. Talvez ao fato de nós termos conhecimento parcial do relatório, mas muitas das sugestões apresentadas já foram devidamente anotadas no caso específico de Viçosa. Embora encontremos várias contradições no texto, como é o caso do número de cursos de Estatísticas oferecidos em Viçosa, eu reputo este documento da mais alta importância. Acredito que nós devemos meditar sobre o seu conteúdo e, mais do que isso, à medida que cada um de nós medite, devemos implementar algumas de suas conclusões. Devemos também meditar sobre

a validade de outras sugestões, como é o caso da necessidade de cursos de nivelamento, que não me parece bem colocada no trabalho. Eu acredito que mesmo o pessoal de Piracicaba, hoje, tem também suas dúvidas a respeito de quais são os aspectos positivos e negativos de um ou de outro esquema. Em outras oportunidades, informalmente, procurarei coletar reações a respeito do assunto. Esse tipo de esquema também precisa ser mais discutido e sedimentado.

Muito obrigado.

Comentador: — Alcides Guidet Zagatto

Difícilimo nos é criticar o trabalho, ou melhor dizendo, parece até impossível fazê-lo. O trabalho foi conduzido com extrema objetividade. Os autores, que conhecemos de longa data, têm uma probidade científica inatacável. Houve perguntas cruzadas no questionário. Foram entrevistados alunos, empregadores e os departamentos. Procuraram os autores ser os mais objetivos quanto possível, de modo que as críticas e sugestões apresentadas devem ser aceitas com bastante serenidade. As críticas que Pellegrini e Witt fazem ao programa de Piracicaba evidenciam as naturais dificuldades de um curso pós-graduado que se inicia. Viçosa, que nós admiramos bastante, teve que enfrentar problemas análogos em seu 1.º curso pós-graduado. Houve naturais deficiências, devidas à seleção inicial dos candidatos e à falta de continuidade nas aulas dadas por professores visitantes. Houve também, até certo ponto, improvisação de disciplinas. Mas o que nós precisamos salientar aqui é a potencialidade de nossa Escola, a confiança plena que temos no futuro do nosso curso pós-graduado e o reconhecimento para que êsse mesmo inquérito fôsse feito com a 2.ª turma de estudantes.

A situação teria se mudado, e bastante.

No momento, temos dois dos nossos professores com MS obtidos em Universidades americanas e um com MS obtido aqui na "Luiz de Queiroz". Em futuro próximo, ou seja, no próximo ano, deveremos ter de volta do exterior um outro professor com MS e um outro com PhD, que virá então reforçar o gabarito dos membros do nosso Departamento. Estamos em gestões que se estão aproximando do seu término, com a Fundação Ford.

Com apóio da F. Ford, teremos recursos para viagens pesquisas, bôlsas de estudo e contratação de professores. A Fundação Ford está reconhecendo, portanto, a qualidade dos membros do nosso Departamento e confiando em nosso futuro.

Alunos graduados da 1.^a turma já se estão evidenciando na vida prática e lembro aqui que é um nosso aluno quem obteve a 1.^a colocação no último concurso efetuado no Instituto de Economia Agrícola de São Paulo. Outros estão indo para as recém instaladas Escolas de Botucatu e Jaboticabal.

Também recebemos o trabalho ontem. E o lemos, cuidadosamente, da 1.^a à última página. Foi por isso, que ficamos convictos da extrema objetividade com que o estudo foi feito, apresentando um mínimo, perfeitamente não considerável, de subjetivismo.

Nossos cumprimentos ao Witt e ao Pellegrini e a nossa confiança em que as potencialidades que temos serão em futuro próximo plenamente atualizadas. Era o que tínhamos a dizer.

Muito obrigado.

DEBATES

Fernando Rocha

O Professor Eli Moraes de Souza fez uma observação referente ao aumento da participação relativa de professores americanos em Viçosa, "vis a vis" à de Pôrto Alegre.

Tanto quanto eu entendo, com a devida vênua do Prof. Eli, acredita que êsse aumento não se deve ao fato de uma possível evasão de professores de Viçosa, mas ao fato de nessa época Viçosa ter nos EE.UU. 4 dos seus professores. Então, a participação relativa dos professores americanos aumentou. Daí essa defasagem entre Pôrto Alegre e Viçosa.

Exatamente porque nós tínhamos e ainda temos, de certo modo, um programa de treinamento de pessoal, agressivo. Era êste o pequeno reparo que gostaria de fazer.

Eli M. de Souza

Eu volto a êste plenário apenas por uma questão de justiça. Não ponho em dúvida, evidentemente, o nível e a quantidade. O que ponho em dúvida são as ilações que os autores não tiraram. Conhecendo, como conheço, o programa de Viçosa, sei do crescimento experimentado por essa Instituição. Mas, infelizmente, os dados levam a essa conclusão. Não houve informação suficiente da parte dos autores. A explicação do Dr. Fernando Rocha é portanto, válida. Desejo evidenciar, uma vez mais, que em muitos casos, dados crus e estatísticos não resolvem problemas como êste.

E daí a reivindicação de que os autores devessem discutir localmente as conclusões do trabalho antes de publicá-lo em forma definitiva.

Permita-me ainda mais uma interferência: tive notícia de que êsse trabalho foi apresentado em Fevereiro, no Rio de Janeiro e que naquela oportunidade o nosso companheiro Prof. Riterch apresentou algumas sugestões que não foram

levadas em consideração pelos autores. E, naturalmente, êles tiveram suas razões para isso.

Outro esclarecimento importante se refere à situação em que os autores afirmam que 2 anos talvez não sejam suficientes para que se façam as “comparações” porque na realidade elas foram feitas. Na nossa concepção, 5 ou 6 anos de experiência em pós-graduação ainda são uma fase inicial e um período de 2 anos, pode ser de importância vital. Se se considerar o ano de 1968, por exemplo, em que tivemos 16 alunos concluindo os trabalhos de curso, e estando todos êles agora em fase de conclusão de tese, teríamos um período de “vacas gordas” (em termos gaúchos...)

O importante é que muitas vezes em contatos mantidos durante a fase de análise dos dados de uma pesquisa, situações especiais podem ser esclarecidas.

Outro fato a registrar é a coincidência de instalação dos diversos programas com um período de desordem em nosso sistema educacional. Nós tivemos, como todos os programas, uma certa prevenção contra a colaboração de professores estrangeiros. Logo, as apreciações por parte dos alunos devem ser muitas vezes, sujeitas a uma análise mais cuidadosa.

Muito obrigado.

Erly Dias Brandão

A minha interferência vai ser relativamente curta. De-sejo inicialmente dizer ter sido muito oportuno o trabalho apresentado pelo Pellegrini. E como êle próprio acentuou, êste tipo de trabalho deveria ser continuado.

Tenho um problema a apresentar ao plenário sobretudo a alguns dos Participantes. É que o Pellegrini deu uma nota um tanto desalentadora quanto a possibilidade de algumas organizações, que já iniciaram programas a nível de M.S., passagem para o nível superior de Doutorado.

Da posição que ocupo no momento, poderia aventurar a dizer que advogo uma tese contrária. Estamos tentando estimular a que nos países latino-americano se possam criar condições, mais rapidamente possível para a instalação de cursos a nível de PhD. Pellegrini deu-me a impressão de estar pensando em termos ideais. Ora, se nós nos reportamos ao passado, vamos verificar que tôdas as Instituições que iniciaram programas de pós-graduação, em PhD, pelo menos a maioria delas, não tinha as condições de algumas Instituições brasileiras que já estão muito próximas

daquelas condições mínimas exigidas por cursos de PhD. Vários dos famosos economistas pioneiros, europeus e americanos, na época de sua formatura a nível de PhD careciam de alguns conhecimentos teóricos, pelo menos que hoje estão disponíveis nos melhores programas de M.S. de países latino-americanos. Outro argumento é que a América Latina está sofrendo do problema que diz respeito a “fuga de talentos” para os países mais desenvolvidos. Então, se nós continuamos com a idéia de propiciar a formatura de um PhD somente quando alcançarmos as condições ideais, vamos continuar perdendo vários destes talentos, que pelo simples fato de terem que estudar fora de seus países poderão ser atraídos para países mais adiantados, em caráter definitivo.

Muitas vezes, quando os técnicos são treinados no exterior e regressam as suas pátrias podem não encontrar as condições ideais de trabalho, advindo, como consequência, uma frustração que os leva a sair de um lugar para o outro, tentando resolver tal inquietação.

De maneira que nós não temos outra saída. A tese é a de iniciar tão logo quanto possível. E diria mais, se algumas dessas Instituições que já estão trabalhando a nível de M.S. puderem continuar com apoio das Universidades americanas e das Fundações, deveríamos estimular a implantação imediata dos cursos de Doutorado. Pode vir um comentário à margem, dizendo que nessas Instituições poderia ter uma relação de dependência muito forte com profissionais de outros países. Vamos especificar: tive a ventura de ensinar em Chapingo, no México, durante 2 anos em Cursos Pós-Graduados. E lá observei que o corpo docente tinha muitos profissionais estrangeiros. Ainda não foi possível radicar ali, um corpo de professores do País. Entretanto, no meu modo de ver, esse é um problema passageiro, pois a Instituição está muito preocupada com a formação do seu próprio “staff” (com o pessoal do país). De maneira que contar com a colaboração de profissionais de outros países é algo natural e lógico. Com o tempo, as nossas Instituições, também, estarão preparando seus próprios professores. Diria mais: contar com gente da casa eu sua maioria poderia ser até um erro. Nós devemos estimular esse intercâmbio cada vez mais. Os estudos inter-disciplinares estão na moda e continuarão. Todos os grandes avanços nos diferentes ramos do conhecimento humano tendem para trabalhos de equipe. Não equipes formadas exclusivamente de nativos, mas de pessoas de culturas e de países diferentes. Queria deixar sô-

mente esta mensagem para que o plenário possa ampliar um pouco mais a tese. Isto porque o Pellegrini deu a impressão de estar um tanto pessimista com relação ao Doutorado. E, neste sentido diria justamente o contrário.

Muito obrigado.

Rodolfo Hoffmann

Inicialmente devo dizer que fui aluno do 1.º Ciclo de Pós-Graduação aqui em Piracicaba. Atualmente sou Instrutor do Departamento de Economia de ESALQ. Achei o trabalho que está sendo comentado, muito interessante, mas gostaria de fazer algumas observações. Com estas observações não quero que se fique pensando, de maneira alguma, que estou tentando defender o Curso. A avaliação mostra que o 1.º Ciclo do Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais Rurais da ESALQ foi fraco. E como aluno, fui um dos que deram esta opinião. O principal comentário que tenho a fazer é o seguinte: no trabalho, frequentemente, aparecem opiniões de alunos dos diferentes cursos, comparando-se, em seguida, os resultados. E o que o leitor menos prevenido entende, me parece, é que as diferenças nessas avaliações são devidas a diferenças nos Cursos. Chamaria a atenção para o problema de natureza metodológica que diferenças podem ser devidas ao tipo de aluno. E brincando um pouco, lembraria que fui fazer um curso nos EE.UU. e não gostei. Desejo, assim chamar a atenção que as diferenças de avaliação podem pelo menos parcialmente, ser explicadas por diferenças entre alunos.

Outra observação: é que os autores afirmam que em Piracicaba, “seria uma característica ímpar o grande número de mulheres com formação em serviço social”. . . . Creio que esta conclusão é apressada. Eu diria que foi uma situação casual no 1.º Ciclo. Esta característica não representa de maneira alguma um novo tipo de pós-graduado. Finalmente, na pág. 77, há uma tabulação dos tipos de profissionais que fizeram Curso em Piracicaba. Ai encontramos 9 bacharéis em Ciências Sociais.

Creio que os autores confundiram Assistentes Sociais com bacharéis em Ciências Sociais.

Victor José Pellegrini

Vou tentar ser o mais rápido possível para responder aos comentários feitos. Relativamente ao Fernando Rocha, o

ponto dêle dizer que os economistas terem sido estratificados segundo a origem de nascimento não invalida, de forma alguma, a afirmativa. Absolutamente. Relativamente ao programa integrado de pesquisa, isto só aconteceu mais recentemente, depois do período coberto pela pesquisa. Com relação ao pouco contato entre as Instituições eu concordo plenamente e acrescento que o maior contato é uma das metas da nossa SOBER. Com relação ao pequeno número de publicações, a situação me parece mais crítica em Viçosa.

Relativamente aos pontos levantados pelo Eli eu diria os êrros verificados se devem a informações coletadas no próprio IEPE em Pôrto Alegre. Com relação a participação de professôres americanos, diria que o padrão é mais ou menos semelhante, tanto em Viçosa como em Pôrto Alegre. Concordo com Fernando Rocha, quando acentua que naquela ocasião, em 1965, houve uma aceleração do processo de treinamento de professôres brasileiros no exterior. Com relação a ajuda de professôres americanos, nos cursos e nas teses, Piracicaba foi quem recebeu menos ajuda, incluindo os programas de La Molina e de Chapingo.

Relativamente aos comentários do Prof. Zagatto, eu que o conheço de longa data não poderia esperar nada mais ativo do que os comentários que êle acaba de fazer. Concordo plenamente com o Zagatto que Piracicaba tem potencial para se transformar num programa dos mais efetivos em Economia Rural.

O outro ponto levantado pelo Fernando Rocha em resposta ao Eli me faz concordar com as observações feitas por êle, Fernando.

Quanto à participação do meu caro amigo Erly Brandão, devo dizer que não quiz colocar a coisa em têrmos desalentadores ou ideais, o fato é que precisamos analisá-las de forma factível.

A comparação que o Erly fêz entre a falta de conhecimentos teóricos de alguns economistas pioneiros e os disponíveis hoje, em nossos cursos de Mestrado, me parece um pouco exageradada e com uma grande defasagem no tempo.

O exemplo referente a Chapingo é um caso concreto. É bom que haja a participação de elementos estranhos ao país, mas no caso de Chapingo, a experiência não foi bem sucedida. Para os senhores terem uma idéia de quanto tempo será necessário para que Chapingo se torne um programa auto-suficiente, com recursos mexicanos, a estimativa feita é de onze anos. Em outras palavras, se o BID e a Fundação FORD

interrompessem, hoje a sua ajuda a Chapingo, o programa de pós-graduação desmoronaria completamente.

A última participação foi do colega Hoffmann. O questionário era confidencial, assim sendo, você não precisaria ter dito que foi um dos alunos entrevistados. O fato de ter ido aos EE.UU. e não ter gostado, não pode ser comparado com o de estudantes brasileiros não terem gostado do Curso de Piracicaba. A situação é completamente diferente.

Com relação ao grande número de mulheres, devo dizer que não estou fazendo críticas, muito pelo contrário.

Com relação a confusão entre Ciências Sociais e Serviço Social, de fato o termo Serviço Social seria o correto. Foi um erro gráfico.

Agradeço a todos os presentes a boa vontade e a paciência demonstrada.